

Etnografia e ficção nos relatos de viagens para a América do Sul publicados na revista *Globus* (1862-1910)

Ethnography and Fiction in the Accounts of Travels to South America
Published in the *Globus* Magazine (1862-1910)

Elena Welper

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil
elenawelper@yahoo.com.br

Resumen: A revista *Globus* foi criada no contexto de fundação institucional da etnologia alemã (*Völkerkunde*) com o objetivo de divulgar estudos etnográficos e relatos de viagens de toda a parte do mundo. Considerando o pioneirismo das expedições alemãs no Brasil, e a importância que elas tiveram no desenvolvimento da etnologia brasileira, este trabalho explora um pouco do conteúdo sul-americano da revista, atentando especialmente para o diálogo entre os ‘homens da ciência’ e os ‘viajantes’ (imigrantes, colonos, comerciantes).

Palabras clave: revista *Globus*; literatura de viagem; etnografia alemã; coleções etnográficas; Brasil; séculos XIX - XX.

Abstract: The *Globus* magazine was created in the context of the institutional foundation of German ethnology (*Völkerkunde*) with the aim of disseminating ethnographic studies and travel reports from all over the world. Considering the pioneering German expeditions in Brazil, and the importance they have had in the development of Brazilian ethnology, this work explores some of the South American content of the journal, paying particular attention to the dialogue between the ‘men of science’ and the ‘travelers’ (immigrants, settlers, merchants).

Keywords: *Globus* magazine; travel literature; German ethnographic studies; ethnographic collections; Brazil; 19th - 20th centuries.

A revista *Globus*

A revista *Globus* (1862-1910), auto descrita como “Revista Ilustrada de Geografia e Etnografia. Crônicas de viagem e jornal geográfico” [*Illustrierte Zeitschrift für Länder- und Völkerkunde. Chronik der Reisen und Geographische Zeitung*], foi fundada por Hermann Julius Meyer (1826-1908), herdeiro da editora *Bibliographisches Institut* de Gotha, e tornou-se um dos periódicos mais populares da Alemanha na segunda metade do século XIX.



Recebido em 24 de maio de 2017; aceito: 29 de janeiro de 2018

INDIANA 35.1 (2018): 191-204
ISSN 0341-8642, DOI 10.18441/ind.v35i1.191-204
© Ibero-Amerikanisches Institut, Stiftung Preußischer Kulturbesitz

Em meados de 1861 Hermann Meyer havia adquirido os direitos de propriedade das ilustrações que eram então exibidas pelo periódico francês *Le Tour de Monde - nouveau journal des voyages* (1857-1914), e a fim de editar um periódico semelhante na Alemanha procurou para ser seu editor, o geógrafo e cônsul prussiano Karl T. Andree (Andree 1862: iii).

No prefácio do primeiro volume (1862) Karl Andree conta que embora reconhecesse o valor de certas matérias trazidas pela *Le Tour de Monde*, sugeriu ao amigo Hermann Meyer que ampliasse os planos, fazendo com que revista não fosse um “mero jornal de viagens terrestres e marítimas e fluviais”, mas também uma revista de Etnologia e Geografia, o que em todo caso não excluiria as crônicas de viagens. Em outras palavras, propunha uma revista semi-científica que deveria contribuir para a popularização da Etnologia, atraindo ‘amigos’ de diferentes ciências para o estudo dos povos e nações do mundo (Andree 1862: iii-iv).

Como reflexo desse objetivo, encontramos em seu conteúdo não apenas relatos superficiais fornecidos por comerciantes e imigrantes leigos (genericamente incluídos na categoria de viajantes), mas também artigos autorais escritos por ‘homens da ciência’ (como por exemplo, Franz Boas, Karl von den Steinen e Max Schmidt), e uma série de resenhas e notícias que procuravam informar sobre a condução dos diversos projetos científicos que eram desenvolvidos na América do Sul. Foi por meio da *Globus*, por exemplo, que o então filólogo Koch Grünberg foi seduzido pelas expedições de Steinen ao Brasil Central, e também por ela tomou conhecimento da vaga para linguista que se abriu na segunda expedição de Hermann Meyer (1871-1932) – sobrinho de Karl von den Steinen – ao Xingu (em 1899), da qual acabou participando como especialista de linguística comparativa (Frank 2005: 564).

Esta revista, portanto, ilustra em um só tempo os contextos de produção e divulgação dos relatos de viajantes, mas também das expedições científicas que tanto contribuíam para a construção do *corpus* etnográfico brasileiro. Neste sentido ela nos permite pensar sobre o diálogo e continuidade entre esses dois campos de ‘conhecimento’, evidenciando especialmente a relação intrínseca entre os ‘viajantes’ (e seus relatos) e a produção científica no Brasil.

A revista teve uma triagem inicial de 4000 exemplares e a quantidade de colaboradores aumentou a cada número editado (Andree 1862). Entre estes estavam imigrantes, comerciantes e cientistas, enfim, toda a sorte de viajante que estivesse disposto a compartilhar sua experiência por carta. Cientistas e viajantes mais experientes forneciam relatos mais extensos, muitas vezes ilustrados por fotografias de campo e das coleções etnográficas adquiridas. Via de regra eram convocados a proferir palestras nas sociedades geográficas e antropológicas de sua região.

Em 1910 a *Globus* foi unida com as revistas *Das Ausland* (1891), que desde 1890 tinha Karl von den Steinen como editor, e também com a *Aus Allen Weltteilen*. De acordo com Lopes & Podgorny (2014) este primeiro periódico foi inspirado no *Foreign*

Quarterly Review e “proporcionava um meio de comunicação para a comunidade alemã por todo o mundo, e no qual [Hermann von] Ihering publicaria diversos artigos” (Lopes & Podgorny 2014: 815).

O próprio Karl von den Steinen, precursor da *moderne Ethnologie* alemã no Brasil, foi um importante colaborador da revista. Enquanto esteve ocupado com as expedições pelo Xingu, as notícias sobre suas viagens e conferências apareciam como “pequenas mensagens” e resenhas dos editores, mas de 1895 a 1905 contribuiu direta ou indiretamente com mais alguns títulos, entre os quais, *Bei den Indianern des Urubamba und des Envira* (vol. 83, 1903) que consiste na reprodução do relato de dois comerciantes desconhecidos, Alfred Reich e Felix Stegelmann, sobre os índios dos rios Urubamba e Envira (Steinen 1903). Ali Karl von den Steinen nos explica que os respectivos senhores haviam vendido “uma certa quantidade de objetos raros” ao Museu de Berlim, e que ele por sua vez incentivara-os a fornecer uma “breve contribuição a Globus”, pois:

Enquanto comerciantes eles viajaram por regiões que são de elevado interesse etnográfico, de onde chegam a nós apenas poucas notícias confiáveis e que hoje devido ao comércio da seringa sofrem as mais graves transformações (Steinen 1903: 133. Tradução minha, aqui e no seguinte).

Não sabemos exatamente o que para von den Steinen tornava os relatos de Reich e Stegelmann mais confiáveis do que os de outros, mas certamente essa sua apresentação conferia uma significativa credibilidade aos autores. Veremos agora o que sabemos sobre os respectivos comerciantes e seus relatos.

Alfred Reich e os índios do Urubamba

Sobre Alfred Reich nada sabemos além do que está informado no próprio texto, isto é: que era procedente de Gera, e que realizou uma viagem comercial do Pacífico até o oceano Atlântico, passando por Cusco e pelos rios Urubamba, Ucayali e Amazonas. Conta ele que durante esta viagem de meses ele teria tido encontrado com “diversas tribos de índios” e tido a oportunidade de “fazer umas observações superficiais” (Reich & Stegelmann 1903: 134).

Reich faz elogios a beleza física dos homens e mulheres kampa, que vestiam-se com “um traje longo, parecido com um saco que vai até o joelho (chamado *kuschma*)” feito com linhas de algodão produzidas pelas mulheres e tingidas de vermelho com “*atschiste* (Bixa Orellana)”. E também conta que os caciques traziam grandes panos pendurados sobre o peito e enfeitados com “uma verdadeira coleção de penas de tucanos, papagaios etc.,” e “em volta da testa um diadema de casca de raiz, enfeitado com duas penas da mesma cor na parte de trás” (Reich & Stegelmann 1903: 134).

As aldeias, “sempre escondidas a uma certa distância do rio principal”, eram compostas por oito a doze cabanas, que por serem abertas apenas eram usadas durante o dia (Reich & Stegelmann 1903: 134).

De noite eles se recolhiam a uma cabana circular, cuja parede era feita com chapas de madeira de palmeira (chonta), dura como ferro, mal chegando a um metro de altura e nela se erguia um teto que converge a uma ponta no meio de construção bastante sólida. Como entrada deixavam uma abertura de meio metro, e somente se arrastando de barriga conseguia-se chegar dentro da cabana, que durante a noite é escura e abafada. Quando perguntei por que trocavam de noite as suas cabanas arejadas por estes abrigos abafados fizeram-me entender que era por causa dos jaguares. Até então sempre acampava ao ar livre, na noite seguida, entretanto, me juntei aos kampa (Reich & Stegelmann 1903: 134).

Reich fala do uso de uma raiz entorpecente chamada *barbosca* na pescaria, e do preparo da caiçuma (*mascato*) que era sempre consumida em ocasiões de festa, sendo servida em cabaças (*pamúco*) que passavam de “boca a boca” e não poderiam ser recusadas “sem causar ofensa ao anfitrião” (Reich & Stegelmann 1903: 134).

Sobre os hábitos funerários reproduz a informação recebida de um garoto kampa que “mal arranhando o espanhol” lhe disse que o corpo de um rapaz que havia morrido na aldeia “foi levado na piroga rio abaixo até um lugar na mata, onde foi deitado debaixo de uma árvore grande sombreada e simplesmente abandonado, [...] para ser devorado por urubus e animais selvagens” (Reich & Stegelmann 1903: 134).

Entre os kunibo do baixo Urubamba, onde teria permanecido por um mês, Reich considera ter presenciado “alguns costumes bastante singulares”. Além da aparência física “desfavorável”, provocada pela “juba” e pelas perfurações faciais (no lábio inferior e septo nasal), eles ainda exibiam a tradicional deformação do crânio, que era feita “deliberadamente ao comprimir a cabeça delicada do recém-nascido durante cerca de oito dias mediante ripas de madeira e almofadas a esta forma” (Reich & Stegelmann 1903: 134).

A maior singularidade desta tribo, no entanto, seria a circuncisão das meninas, realizada como rito de puberdade por uma ‘velha feiticeira’ com uma ‘faca de bambu’. De acordo com o relato de Reich, a cirurgia intencionava “um corte em volta do *intróitus vaginae*, separando o hímen dos lábios da vulva; deixando com isto o clitóris completamente descoberto” e era feita com a paciente entorpecida de caiçuma. Após o corte a ‘feiticeira’ aplicava as ervas medicinais e

[...] depois de um tempo introduz um pênis esculpido em argila e um pouco umedecido na vagina da virgem, e na verdade, esta obra de barro deverá exatamente corresponder ao membro do noivo. Destarte a moça é preparada para o casamento e pode ser entregue ao seu marido (Reich & Stegelmann 1903: 134).

Embora a circuncisão feminina seja hoje atribuída aos antepassados de muitos povos da família linguística pano (entre os marubo, por exemplo, ver Welper 2009), a menção ao pênis de argila que seria introduzido na jovem recém-circuncisada aparece como algo inédito e contraditório, sendo assim suficiente para colocar todo o resto em dúvida. Pretendo voltar a este ponto nas considerações finais desse texto, cabe agora seguir com o relato do outro viajante, Feliz Stegelmann.

Felix Stegelmann entre os índios do Envira

Quanto a Felix Stegelmann, natural de Hamburgo, também nada sabemos além do que informa no texto, isto é, que em 1899 teria atuado junto aos caucheiros no rio Envira, onde teria convivido com diversas tribos “que pareciam pertencer ao mesmo grupo linguístico”: jaminaua, kaschinaua, schanindaua, kunibo e tauaré. Seu relato, no entanto, discorre quase exclusivamente sobre estes últimos, os tauaré, os quais, segundo ele, até ao tempo de sua chegada ainda não haviam sido alcançados pelas “hordas de caucheiros” (Reich & Stegelmann 1903: 135).

Stegelmann conta que encontrou os tauaré pela primeira vez na margem esquerda da alto rio Envira, onde “os índios pintados e vestidos só com uma corda de ancas” foram recebido a bordo com brindes. Depois do contato amigável ocorreu o desembarque e Stegelmann foi levado para a aldeia, localizada a umas três horas da beira. No caminho passaram por riachos, e “quatro acampamentos de caça”, sendo obrigados neste trajeto a andar “com água até os quadris” (Reich & Stegelmann 1903: 135). Quando chegaram na aldeia composta por cinco casas que se encontravam no meio de um grande rocado de mandioca, mamão, banana, milho, amendoim, palmeira, pimenta (para tomar como rapé) e algodão, foram anunciados por um demorado grito emitido pelo índio que o acompanhava.

As crianças, que de acordo com o autor tinham muitas cicatrizes que pareciam ser de queimaduras, eram ocasionalmente vendidas as tribos vizinhas; muitos adultos exibiam como marca tribal uma tatuagem facial que consistia “em um risco azul do canto da boca até os lóbulos” (Reich & Stegelmann 1903: 136).

Entre os animais domésticos encontravam-se pequenos cachorros “assustadoramente feios, papagaios, araras, e um filhote de anta” (Reich & Stegelmann 1903: 136).

Além do habitual cinto de fibras os homens portavam ainda pulseiras e colares de dentes de macaco e por vezes diademas e braçadeiras de ráfia, “nas quais guardavam pequenos objetos enrolados em folhas”; as mulheres vestiam uma saia de algodão tecida por elas próprias e muitas vezes tinham chapinhas prateadas em forma de meia lua penduradas na perfuração do septo nasal (Reich & Stegelmann 1903: 136).

Como armas os tauaré usavam flechas, lanças, bordunas e punhais (estes últimos parecidos com os dos kaxinawa colecionado pelo autor), mas também “escudos grandes forrados de pelo de anta, o que mais tarde nunca reparei em nenhuma outra tribo” (Reich & Stegelmann 1903: 136). A pescaria era feita com dardos e flechas, bem como com veneno (*kataua*), pois não conheciam ainda o uso do anzol. Para fazer o rocado, eles ainda dispunham de machados de pedra, e produziam fogo com “furadeira de fogo, um pequeno cano que quando é girado sobre uma cavidade produz faíscas que são captadas com algodão” (Reich & Stegelmann 1903: 136).

Segundo Stegelmann poucas seriam as restrições alimentares dos tauaré: eles consumiam todo o tipo de caça que existia na região, menos tartaruga de água e anta.

O comerciante faz menção também a ingestão das cinzas do morto, as quais são “guardadas num cano oco” e consumidas aos poucos “em cada refeição” (Reich & Stegelmann 1903: 137).

Na mesma margem esquerda do alto Envira encontrou uma tribo de índios com uma aparência “bastante incomum”, lembrando-lhe um tipo parecido ao de alguns judeus na Alemanha: tinham a pele avermelhada e os cabelos ruivos claros, “e por conta dessa coloração, algumas crianças que eram capturadas nessa tribo foram chamadas de ‘coto’ (mono urrador)” (Reich & Stegelmann 1903: 137).

O texto de Stegelmann se encerra dando um testemunho das transformações testemunhadas neste período de três anos e ecoa a missão certamente inspirada por von den Steinen, de registrar as culturas antes de seu fim.

Quando no princípio deste ano [1902] deixei o alto Envira com todos os caucheiros a fim de procurar trabalho no purus, o quadro lá já tinha mudado fundamentalmente: a maioria das tribos indígenas estavam em guerra com os brancos sendo por estes expulsos das suas aldeias e dizimados. No lugar de uma vida de natureza despreocupada entrou uma luta de sobrevivência exasperada. Nisso é obvio quem é a parte sujeita a sucumbir, e em tempos não muito remotos, a desaparecer da face da terra. E por isto é assunto para a pesquisa de avançar às tribos ainda não corrompidas pelo contato com os brancos, antes que seja tarde demais (Reich & Stegelmann 1903: 137).

Retornarei a estes dois autores e seus relatos na parte final deste texto, por hora apresentarei um outro autor da *Globus*, o qual esteve diretamente ligado a primeira instituição científica do Brasil: a *Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo*.

Gustav von Koenigswald e os índios do Brasil

Gustav A. von Koenigswald (24.06.1863 - Karlsruhe?) foi um imigrante alemão que entre 1885 e 1892 foi “ajudante e companheiro” de Albert Loefgren (Loefgren 1983: 2), botânico da *Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo*, na exploração dos sambaquis da costa de São Paulo (Loefgren 1893; Leitão 1937; Lima 1999/2000), e depois teria atuado como ‘preparador’ do recém criado Museu paulista, dirigido por Hermann von Ihering (Schumann & Hartmann 1992).

Um pouco mais do que sabemos sobre ele foi extraído da apresentação de suas duas obras sobre o Brasil *São Paulo* (1895) e *Rio Grande do Sul* (1898) e será aqui apresentado. Na introdução do seu primeiro livro, composto por uma centena de fotos do estado de São Paulo, Koenigswald encaminhou agradecimentos a mais de uma dezena de pessoas, entre elas o pintor Willy Reichardt; os fotógrafos Gaensly & Lindenman e Paulo Kowalsky; o já mencionado botânico Albert Loefgren, e o topógrafo e fotógrafo Francisco Hensler (1864-1925), que lhe forneceu três ‘interessantes’ fotografias dos índios coroados. Este último também chamado de Franz ou Friedrich Hensler chegou ao Brasil em 1883, após uma viagem pelo Paraguai e Argentina, e ficou residência em

São Paulo, onde era sócio da casa de fotografia Kowalski & Hensler (Stickel 2014: 276). Em 1897, Hensler retornou a Alemanha, mas antes disso, de acordo com Koenigswald, atuou como ‘engenheiro’ daquela Comissão na exploração do alto Paraná em 1893.

Na introdução do segundo livro, *Rio Grande do Sul* (1898) assinada naquele mesmo ano em Potsdam, consta que Koenigswald residia há doze anos no Brasil, onde tinha realizado extensas e longas viagens e se familiarizado com as condições de vida local. Nos agradecimentos ele cita muitos nomes de padres, colonos e imigrantes alemães, entre eles Walter Fischer, um professor ginásial de Santa Maria (RS) que era simpatizante das ideias de Hermann von Ihering e eventual colaborador na imprensa teuto brasileira de São Paulo (Welper 2013).

Entre um e outro livro, Koenigswald publicou também o *Guia das estradas de ferro dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e S. Paulo* (1896) e um artigo intitulado “Ornithologia paulista” para o periódico alemão *Journal für Ornithologie* (1896).

Em 1905, provavelmente inspirado pelo trabalho de Loegfren (1893), Koenigswald estreou na *Globus* publicando seu primeiro artigo sobre os sambaquis de São Paulo (1905) e depois sobre a araucária (1907), até que em 1908 veio o restante de suas publicações nesta revista, todas propriamente etnográficas: “Die Cayuás” (1908a); “Die Botokuden in Südbrasilien” (1908b); “Die Corôados im südlichen Brasilien” (1908c); e “Die Carajá Indianer” (1908d).

Em “Die Cayuás”, Koenigswald faz agradecimentos a Franz Heiler de Hannover, que “teve a bondade de colocar à minha disposição, além de interessantes apontamentos, as fotos que ele tirou em 1872 no baixo Tibagi” (Figuras 1 e 2) (Koenigswald 1908a: 376). A terceira imagem do texto é o quadro com ilustração das armas que ele identifica como sendo da “coleção do autor” (1908a: 379).



Figura 1. “Cayuás” (Koenigswald 1908a: 377).



Figura 2. “Cabanas cayuá” (Koenigswald 1908a: 378).

Nesse texto, porém, as referências ao tal Franz Heiler desaparecem fazendo com que tais observações se misturem a experiência própria do autor, que apenas é destacada em um comentário sobre o enterramento dos guarani:

Mesmo através de valiosos presentes, eu não pude conseguir das pessoas algum esclarecimento mais preciso. [...] Eu mesmo me encontrei com muitas tribos guarani que enterravam seus mortos tanto debaixo como dentro de uma igaçaba fechada com uma tampa, numa sepultura pouco profunda, somente com o fim de proteger o cadáver da escavação dos animais selvagens, como os diversos tatus e animais predadores (Koenigswald 1908a: 381).

No texto sobre os botocudos de Paraná e Santa Catarina, isto é, os xokleng, Koenigswald (1908b) diz basear-se em “estudo de longos anos” e também em observações próprias feitas principalmente por ocasião de sua última viagem para aquela região (em 1903-1904), quando então conheceu o “mais famoso dos bugreiros”, Tomaz Gonçalves Padilha (1862-1943), cunhado de um grande proprietário de terras na região de Campos Novos. O texto, que insinua a equivocada hipótese de que os botocudos fossem o último resto dos carijó (macro tupi), é ilustrado por duas imagens. A primeira é a pintura de um menino botocudo (Figura 3) feita pelo Aurélio Zimmermann (1854-1920), um artista alemão que chegou no Brasil por volta de 1884, fixando residência inicialmente no interior de Santa Catarina e do Paraná, até mudar-se para São Paulo em 1898. A segunda imagem é a de um quadro de objetos etnográficos da coleção do autor, que foi enviada ao Lindem Museu de Stuttgart (Koenigswald 1908b: 41).



Figura 3. “Menino botocudo. Desenhado por Aurélio Zimmermann, São Paulo”.

“Este esperto menino, com idade aproximada de 9 anos, foi capturado em um assalto pelos colonos mas logo escapou de novo apesar do cuidado amoroso que estava sendo dado a ele. O lábio inferior já mostrava o orifício caracteristicamente masculino, através do qual colocam portam o disco labial” (Koenigswald 1908b: 39).

Em “Die Corôados im südlichen Brasilien” (1908c) Koenigswald trata especialmente dos kaingangs e informa que se baseou em “[...] experiências próprias”, feitas “ao longo de muitos anos no Brasil do Sul e Central, em frequentes encontros com os coroados”, as quais foram completadas durante a sua última viagem pelo Paraná (1903/04), “principalmente, através das informações verbais do Coronel Telemaco Borba em Tibagy, [...]” (Koenigswald 1908c: 27). Cabe aqui ressaltar que o material deste último autor já era conhecido dos leitores da *Globus* desde pelo menos 1886, quando publicaram um resumo do artigo publicado por Borba na Revista da *Sociedade de Geografia de Lisboa* (tomo II 1883), com o título: “Die Caingangs-Indianer in der brasilianischen Provinz Paraná” (Borba 1886).

Também aqui Koenigswald credita algumas “anotações valiosas” ao já mencionado Franz Heiler de Hannover, “quem em 1872 numa viagem longa e árdua visitou diversas tribos de índios no oeste do Paraná tendo permanecido vários meses entre os mesmos” (Koenigswald 1908c: 27), e indica que, a ilustração referente a cena cotidiana dos coroados (Figura 4) fora desenhada em Munique a partir de ‘estudos naturais’ pelo pintor Willy Reichardt, que há muitos anos residia no Brasil e já lhe cedera imagens para sua primeira publicação (Koenigswald 1894, 1895).



Figura 4. “Coroados” (Koenigswald 1908c: 28).

Franz Heiler também cedeu a Koenigswald algumas fotografias feitas por ele, dentre as quais a de um índio coroadado enfeitado para festa (Figura 5), a qual parece ter servido de inspiração para a iconografia do viajante inglês Thomas Bigg Wither (Figura 6), que em 1878 publicou seu relato de viagem e vida no Brasil (1872-1875), especialmente no Paraná.



Figura 5. “Coroado enfeitado para festa”.
Fotografia de Franz Heiler (Koenigswald
1908c: 27).



Figura 6. “Coroado vestido com roupa de festa”
(Bigg-Wither 1878: 288).

O texto “Die Carajá Indianer” (1908d) também traz algum indícios de que o autor teria, ao menos parcialmente, se baseado em observações próprias, como por exemplo o fato das ilustrações terem sido feitas pelo autor, a partir de seus próprios objetos etnográficos, que também se encontram no Linden Museum em Stuttgart, mas aqui Koenigswald indica que algumas das fotografias usadas eram originais do “senhor” José Hofbauer, quem as colocou a sua disposição “junto com muitas anotações por escrito” (Koenigswald 1908d) e apresenta uma lista de obras consultadas (que inclui von Martius, Ehrenreich, Couto de Magalhães, Gallais e Castelnau). A propósito desse José Hofbauer sabemos que ele teria empreendido três expedições ao Araguaia entre os anos de 1905 e 1906 para investigar a exploração da seringa naquela região e que o Museu Paulista possui uma coleção carajá coletada por ele e adquirida em 1912.

Considerações finais

A revista *Globus* foi um importante veículo de divulgação da etnologia alemã (*Völkerkunde*) e considerando a importância que esta teve para a construção do conhecimento etnográfico brasileiro, penso que podemos enxergá-la como um rico material de estudo.

Um breve exame do sumário da revista, que tem índices geográficos e é ordenado em função do volume de contribuições recebidas para cada continente, revela a popularidade de cada região através dos tempos, e evidencia a importância que a etnologia sul-americana recebe na virada para o século xx, como efeito não apenas das expedições de Karl von den Steinen, mas também dos processos migratórios.

Tendo como público leitor e autoral um grande espectro de personagens, do mais desconhecido e simplório migrante ao mais renomado e erudito cientista, essa revista operava uma junção entre esses distintos campos de conhecimento. Percebe-se isso na apresentação de von den Steinen aos relatos de Reich e Stegelmann e também nos textos de Koenigswald, que evidenciam a participação de migrantes alemães na construção da ciência brasileira.

E se por um lado, o material aqui examinado nos leva a refletir sobre a autenticidade dos relatos de viagem e não se apresenta como uma fonte segura para dados etnográficos; por outro ele pode ser interessante para pensar o papel que essa literatura de viagem teve na construção e reprodução de estereótipos dentro da etnografia dos índios brasileiros, bem como sobre a papel da etnografia brasileira no desenvolvimento da etnologia alemã.

O relato de Reich e Stegelmann nos levam a refletir sobre a função salvacionista da antropologia daquela época, característica que explicava e justificava o frequente intercâmbio entre viajantes e cientistas e seus campos de saberes. Sua descrição sobre os desconhecidos índios tauaré é neste sentido bastante ilustrativa, pois apesar dos objetos etnográficos trazidos por ele corroborarem a sua versão do encontro com índios isolados (ver Schlothauer 2012), sua descrição aponta para uma conjuntura fantasiosa, construída com base em tudo que provavelmente ouviu ou leu de mais exótico sobre os índios da região (tatuagem facial, perfuração do septo nasal, saia de algodão). O resultado é uma descrição prototípica dos grupos pano.

Neste sentido, creio que uma análise mais sistemática desse material permitiria não apenas revelar personagens desconhecidos que tiveram alguma atuação no campo das ciências no Brasil, mas também ampliar a visão sobre a influência dos relatos e da iconografia dos naturalistas germânicos no imaginário construído sobre os povos indígenas do Brasil (sobre a iconografia de Maximilian Alexander Philip de Wied-Neuwied, Karl Friedrich von Martius e Johann Moritz Rugendas ver Sallas 2010).

Para concluir devo chamar atenção para a importância deste material no sentido de nos informar sobre a constituição dos acervos museológicos, o que pode eventualmente contribuir para uma melhor qualificação de seus objetos. O colecionismo no século xix cresceu como principal produto da antropologia salvacionista, ou de “última hora” (Thieme 1993:63) nas palavras de Adolf Bastian, diretor do Museu de Etnologia de Berlim, e em sua exibição reproduzia uma certa visão sobre o Novo Mundo. Em sua constituição, porém, essas coleções sinalizavam para as condições nem sempre louváveis de sua aquisição (Riedl 1996), promovida dentro de uma variedade de tipos de encontros entre germânicos e índios no Brasil.

Referências bibliográficas

- Andree, Karl
1862 Vorwort. *Globus* 1: iii-iv. <<https://opacplus.bsb-muenchen.de/Vta2/bsb10358872/bsb:6437191?page=8>> (15.05.2018).
- Bigg-Wither, Thomas Plantagenet
1878 *Pioneering in South Brazil: Three years of forest and prairie life in the province of Paraná*. London: John Murray. <<https://archive.org/details/pioneeringinsout021878bigg>> (15.05.2018).
- Borba, Telemaco Morocines
1886 Die Caingangs-Indianer in der brasilianischen Provinz Paraná. *Globus* 50(15): 233-236. <<https://www.digi-hub.de/viewer/thumbs/DE-11-001738948/1/>> (15.05.2018).
- Frank, Erwin
2005 Viajar é preciso: Theodor Koch-Grünberg e a Völkerkunde alemã do século XIX. *Revista de Antropologia de São Paulo* 48(2): 559-584. <<https://doi.org/10.1590/S0034-77012005000200005>>.
- Koenigswald, Gustav.
1894 *S. Paulo*. São Paulo: s. ed. <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=livrossp&pagfis=22596>> (15.05.2018).
1895 *São Paulo*. São Paulo: s. ed. <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=livrossp&pagfis=22377>> (15.05.2018).
1896 *Guia das estradas de ferro dos estados do Rio de Janeiro, Minas Geraes e S. Paulo: Mappa geral da viação ferrea dos estados do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas Geraes*. São Paulo: Editora Companhia Industrial.
1896 Ornithologia paulista. *Journal für Ornithologie* 44: 332-366. <http://www.zobodat.at/pdf/Journal-fuer-Ornithologie_44_1896_0332-0366.pdf> (15.05.2018).
1898 *Rio Grande do Sul*. São Paulo: Editora do autor <<http://archive.org/stream/riograndedosul00koengoog#page/n6/mode/2up>> (15.05.2018).
1905 Die indianischen Muschelberge in Südbrasilien. *Globus* 87(20): 341-347. <<http://www.digi-hub.de/viewer/resolver?urn=urn:nbn:de:kobv:11-d-4731104>> (15.05.2018).
1907 Die brasilianische Araucaria als Kompasspflanze. *Globus* 92(19): 301-303. <<http://www.digi-hub.de/viewer/resolver?urn=urn:nbn:de:kobv:11-d-4731155>> (15.05.2018).
1908a Die Cayuás. *Globus* 93(24): 376-381. <<http://www.digi-hub.de/viewer/resolver?urn=urn:nbn:de:kobv:11-d-4731161>> (15.05.2018).
1908b Die Botokuden in Südbrasilien. *Globus* 93(3): 37-49. <<http://www.digi-hub.de/viewer/resolver?urn=urn:nbn:de:kobv:11-d-4731161>> (15.05.2018).
1908c Die Corôados im südlichen Brasilien. *Globus* 94(1-2), 27-32; 45-49. <<http://www.digi-hub.de/viewer/resolver?urn=urn:nbn:de:kobv:11-d-4731170>> (15.05.2018).
1908d Die Carajá Indianer. *Globus*: 94(14): 217-238. <<http://www.digi-hub.de/viewer/resolver?urn=urn:nbn:de:kobv:11-d-4731170>> (15.05.2018).
- Leitão, Cândido de Melo
1937 *A biologia no Brasil*. Biblioteca pedagógica brasileira, 5.a: Brasiliana, 99. São Paulo: Companhia editora nacional.

- Lima, Tania Andrade
1999/2000 Em busca dos frutos do mar: os pescadores coletores do litoral centro sul do Brasil. *Revista USP* 44: 270-327. <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i44p270-327>>.
- Loegfren, Albert
1893 *Contribuições para a archeologia paulista: os sambaquis de S. Paulo*. Boletim da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo, 9. São Paulo: Typ. de Vanorden. <http://igeologico.sp.gov.br/files/2017/01/Boletim_CGG_09_Contribuicoes_Archeologia_Paulista-Sambaquis_Sao_Paulo-1893.pdf> (22.07.2018).
- Lopes, Maria Margaret & Irina Podgorny
2014 Entre mares e continentes: aspectos da trajetória científica de Hermann von Ihering, 1850-1930. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* 21(3): 809-882. <<https://doi.org/10.1590/S0104-59702014000300002>>.
- Reich, Alfred & Felix Stegelmann
1903 Bei den Indianern des Urubamba und des Envira. Mit einem Begleitwort von Karl v. d. Steinen. *Globus* 83(9), 134-137. <<http://www.digi-hub.de/viewer/resolver?urn=urn:nbn:de:kobv:11-d-4731075>> (15.05.2018).
- Riedl, Tito
1996 De índios, crânios e seus 'coleccionadores' dados sobre exotismo e a trajetória da antropologia, no Brasil do século XIX. *Revista de Ciências Sociais* 27(1/2): 115-124. <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10299>> (15.05.2018).
- Sallas, Ana Luisa Fayet
2010 Narrativas e imagens dos viajantes alemães no Brasil do século XIX: a construção do imaginário sobre os povos indígenas, a história e a nação. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* 17(2): 415-435. <<https://doi.org/10.1590/S0104-59702010000200009>>.
- Schlothauer, Andreas
2012 Den Bogen über ein Jahrhundert spannen - Isolados in Brasilien heute und die Sammlung Felix Stegelmann im Ethnologischen Museum Berlin. *Kunst&Kontext* 3/2012. <<https://www.about-africa.de/kunst-und-kontext/ausgabe-03-2012/358-den-bogen-ueber-ein-jahrhundert-spannen-isolados-in-brasilien-heute-und-die-sammlung-felix-stegelmann-im-ethnologischen-museum-berlin>> (15.05.2018).
- Schumann, Leonor & Thekla Hartmann
1992 Coleções etnográficas brasileiras em Stuttgart: histórico e composição. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 2: 125-132. <<https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.1992.108998>>.
- Steinen, Karl von den
1903 Begleitwort: Bei den Indianern des Urubamba und des Envira. *Globus* 83(9), 134-135. <<http://www.digi-hub.de/viewer/resolver?urn=urn:nbn:de:kobv:11-d-4731075>> (15.05.2018).
- Stickel, Erico João Siriuba
2014 *Uma pequena biblioteca particular: subsídios para o estudo da iconografia no Brasil*. São Paulo, EDUSP, imprensa oficial.

Thieme, Inge

- 1993 Karl von den Steinen: vida e obra. Em: Penteadó Coelho, Vera (ed): *Karl von den Steinen: um século de antropologia no Xingu*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 36-108.

Welper, Elena

- 2009 *O Mundo de João Tuxaua: (Trans)formação do povo Marubo*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro. <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=175484> (15.05.2018).
- 2013 A aventura etnográfica de Curt Nimuendaju. *Tellus* 13(24): 99-120. <<http://www.tellus.ucdb.br/index.php/tellus/article/view/35>> (15.05.2018).